

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

HUMORISTICO

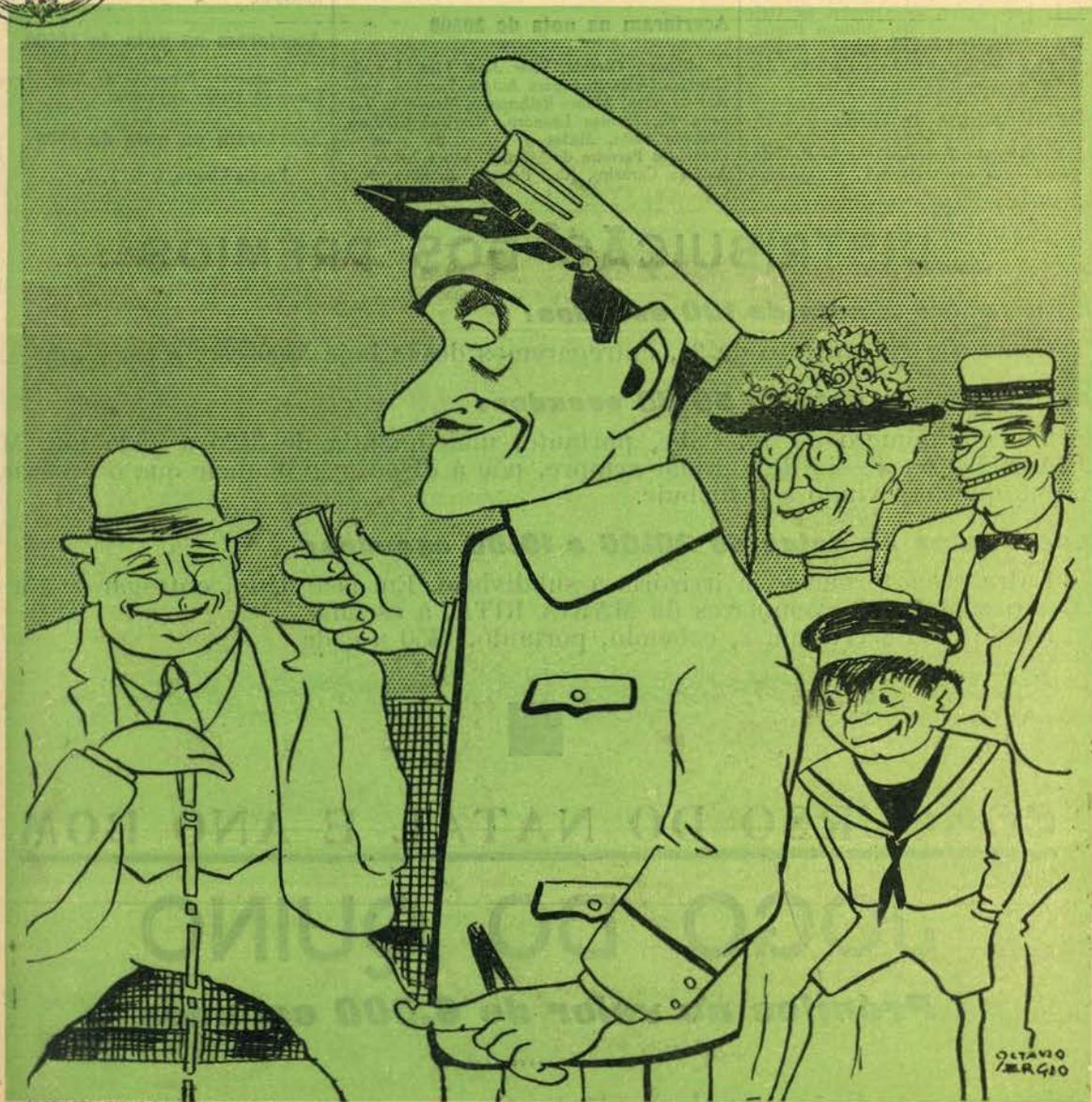
Directores Honorários de
ARRALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTÁVIO BÉRGIO

OCTAVIO BERGIO



O célebre Landru da Carris



OCTAVIO BERGIO

A delicadeza em pessoa! Palavras esdrúxulas e muita rima para "Lacerda".
No fim de tudo o que êle quiere é o "arame".

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA-MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DA NOTA DO BANCO

RESULTADOS DA 3.ª SEMANA

Acertaram na nota de 100\$00

José Teixeira de Carvalho, Zecas Laimes, João Tino, Um Vilarrealense, Delfim de Freitas, Pirolito, Alvarcarso, Jaime Soares da Silva, Lucília Ribeiro, F. Leal Júnior, Zé Gaiteiro, Zé Gaiteiro (2.º), Maria Bernardina, Adriano Fontes, Pereira Pote, Manuel Ferreira Antunes, Máximo Gandara, Octávio Monteiro, Luís Barbosa, Arnaldo Ferreira, Joaquim Pedro.

Acertaram na nota de 50\$00

António Augusto, António João, Sá P. Gato, Fernando José R. Pinto Neto, F. Leal Júnior,

Espreitei o furo (Júnior), Facó, Pirolito, Alvarcarso, Jaime Soares da Silva, Inácio da Fonseca, Adriano Fontes, Maria Bernardina, Pereira Pote, Zé Gaiteiro, Zé Gaiteiro (2.º).

Acertaram na nota de 20\$00

Elmano Otrebla, Vítor José, Lizé, Joaquim Giraldes, Delfim Rodrigues, António Ferreira, Américo da Silva, Alfonso Relâmpago, Manuel E. Teixeira M., Nicolau Leandro, Henrique Cardoso, Eduardo Pinto, Micles e Tricles III, + ou —, Domingos Ferreira da Silva, Ai bebes, bebes . . . , António Carneiro, Abel Ferreira da Silva, José

Oliveira Marques, Mariosinho, Conductor n.º 377, António Ferreira, Armando Reis, Marina Pereira, Patrício, Ricardo Alves Franco, Jaime Soares da Silva, Inácio da Fonseca, F. Leal Júnior, Ricardo Ricardito.

Acertaram na nota de 10\$00

Portuense, Fernando da Silva, Armando S. Carvalho, Delfim de Freitas.

Acertaram na nota de 5\$00

Lucília Ribeiro, R. S. T. V.

DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS

Concorrentes à nota de 100 escudos:

Como são em número de 21, entregaremos desde hoje 5\$00 esc. a cada um.

Concorrentes à nota de 50\$00 escudos:

São em número de 16. Cabe, portanto, uma quantia de 3\$20 a cada um. Mas a MARIA RITA no desejo de agradecer sempre, põe à disposição daquele que o preferir, um livro dos que tem vindo a distribuir.

Concorrentes às notas de 20\$00 e 10\$00 escudos:

Entre estes tornar-se-ia irrisória a subdivisão. Em face disto, entregar-se-á a cada um dos premiados, 2 exemplares da MARIA RITA, à escolha.

Na de 5\$00 acertaram 2, cabendo, portanto, 2\$50 a cada.



CONCURSO DO NATAL E ANO BOM

JOGO DO QUINO

Prémios no valor de 6.000 escudos

Vejam as condições e plano dêste Concurso na nossa última pagina



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Sabem vossas excelências quantas cartas de amor recebe Clara Bow por ano? Trinta mil. Dolores del Rio, dezanove mil. Greta Garbo, trinta-e-duas mil. Dorothy Jordan, quinze mil. E assim, mais ou menos, quasi tôdas as estrêlas dos estúdios hollywoodescos. Mas quem bate o *record*—e merece-o, porque, na realidade, é um amor de rapariga—é Jeannette Mac Donald. Nada menos de quarenta mil sobrescritos repletos de prosa lírica.

Claro que as pobres *estrêlas* não dispõem de tempo para responder a tantas e tão inflamadas missivas. Nem sequer para lhes passarem os olhos por cima. Qual seria a pessoa nestes tempos de febril actividade, capaz de ler por dia duzentas cartas e de responder a tôdas elas, embora não fôsse no mesmo tom e se limitasse ao consabido: «Tenho presente a estimada carta de vossa excelência» etc.?

Acontece, portanto, que Greta Garbo tem três secretárias, e Clara Bow duas. São estas assalariadas que lêem as cartas, sabe Deus com que sorriso irónico a baillar-lhes nos lábios; e são elas que redigem a resposta, provavelmente com um sorriso infinitamente mais sarcástico. Greta, Clara, Jeannette, Dorothy e Dolores limitam-se a apor nesses documentos o sarrabisco da sua assinatura.

Porque convém saber que essas adoráveis *filmstars* respondem a tôdas as cartas. Se assim não fôsse, fatal seria que o número dos seus epistológrafos diminuísse com o tempo. E urge, a todo o transe, evitar semelhante percalço. As empresas cinematográficas avaliam a popularidade das suas artistas pelo número das cartas que de todo o mundo lhes enviam. E quando êsse número baixa, desce o entusiasmo dos empresários por elas, e não tardará muito a descer o seu ordenado semanal.

Foi assim que, últimamente, Dolores del Rio foi chamada aos escritórios da Empresa, onde o director lhe disse, de mau cariz:

—Minha senhora! Temos verificado, com dolorosa surpresa, que o quantitativo das declarações amorosas que você recebe pelo correio tem descido em assombrosa proporção. E isto é lastimável. Quando aos espectadores do cinema começa a tornar-se indiferente determinada artista, é um péssimo sinal.

A irrequieta Dolores, que não tem papas na língua, retorquiu:

—A culpa não é minha. Represento tão bem como de antes, e, graças a Deus, o meu rosto, o meu colo e as minhas pernas ainda não perderam a frescura. A empresa, porém, é que tem desprezado muito a publicidade do meu nome e da minha beleza. Há mais de um ano que os jornais se não ocupam de mim. Já tive cinco aventuras escandalosas e já me divorciei duas vezes sem que o grande público o soubesse. A esta hora, todo o mundo culto me supõe arrependida do passado e transformada numa burguezinha que aprendeu as cem maneiras de cozinhar bacalhau e ponteia as peúgas do marido. De esta forma, como querem os senhores que os amadores de cinema continuem a simpatizar comigo?

Falava como um livro aberto a azougada rapariga. Pois não é já universalmente sabido que todo aquele célebre escândalo da publicação da correspondência amorosa de Clara Bow, por uma sua ex-secretária, foi feita de comum acôrdo com aquela, que assim arranjou maneira de chamar as atenções sobre si, numa época em que o público parecia ter-se esquecido de ela?

Teve razão Clara Bow, como tinha razão Dolores del Rio. O escândalo, eis o grande aperitivo! Há lá coisa alguma que tanto faça perder o entusiasmo dos homens como uma mulher honesta?

*

Por vezes, entre os milhões de cartas que diàriamente chovem sobre Hollywood, aparecem algumas cheias de bom senso e humorismo sadio, embora de não menor sinceridade. Haja vista, por exemplo, o seguinte trecho de uma epístola de certo titular italiano a Norma Shearer:

«Tenho quarenta-e-cinco anos, mas glorio-me ainda de um excelente estado de conservação. O meu porte é aristocrático, e, fisicamente, estou ainda em muito bom uso. Tenho uma larga experiência do amor. Espero, com tôdas estas qualidades, fazê-la muito feliz se você me der a honra de aceitar-me como seu espôso. Ofereço-lhe um título de duquesa, que é um produto exclusivamente europeu, a trôco da sua enorme fortuna,

que é — ai de mim! — um produto exclusivamente americano.»

Norma Shearer gostou tanto de esta carta, que a guardou na sua carteira e a tem mostrado a muita gente. E confessa que esteve tentada a aceitar.

Naturalmente não aceitou porque, tendo-se informado, soube que na Itália são «todos marqueses» e, portanto, quasi todos duques. É de crer, também, que, por seu lado, já na volta do correio o fidalgo italiano tivesse mudado de opinião. É que, enquanto o paquete foi e veio, quebrou o banco nova-yorkino em que Norma Shearer perdeu o melhor de quinhentos mil dólares.

Moralidade: já não há exclusivos para os produtos a que o duque do Lácio se referia: os títulos nobiliárquicos, como todos temos verificado, estão hoje ao alcance do mais modesto e inútil plebeu. Tanto desceram e se generalizaram, que é mais que lícito duvidar-se da sua genuinidade. Exactamente como as grandes fortunas: já ninguém pode acreditar nelas.

Marcial JORDÃO.

Jogos florais

A pedido de um dos nossos colaboradores que se assina «Tripeiro», publicamos as perguntas abaixo, fazendo votos para que se resolva a questão com honra para ambos os tripeiros de gema.

Ao ilustre glosador que se assina «Tripeiro».

Caro Senhor:

Venho pedir-lhe o favor de dizer-me, quando possa, e se não lhe causar perda, quantos anos é que tem, e de dizer-me também (não me julgue alcoviteiro) desde quando, é que se assina «Tripeiro». Se quiser ter a bondade de responder, sem maldade, a tão singelo pedido, creia fico, desde já, muito e muito agradecido. Desculpe me não assine com meu nome verdadeiro mas, tão somente,

TRIFEIRO.

Pôrto, 3-12-1932.

Esse *maduro* célebre da Índia,
o Gandhi que os britânicos consome,
torna, segunda vez,
a ameaçar o vice-rei inglês
com a greve da fome.

Tal qual como as crianças educadas
à lei da natureza:

— «Se eu não fôr passear com as criadas,
não como a sopa nem a sobremesa».

E o caso é que o govêrno da Inglaterra,
que a cenas tais não sabe pôr limite,
todo se aflige e aterra

quando o mahatma vê sem apetite.
Mas porque é que receia tais fastios
o excelente govêrno imperial?

Pois não lhe basta, para seu mal,
êsse milhão de estômagos vazios
que outro dia invadiu a capital?

*

Da outra vez que o Gandhi pôs à prova
a paciência do govêrno inglês,
mandou pôr uma dentadura nova,
sólida e forte como uma torquês...

De êsses dentes agudos e ferozes
surgiu esta moral, *para inglês ver*:

«Dá Deus os dentes a quem não tem nozes,
e nozes dá a quem não quer comer».

Vê-se que esta moral

é ao invés do nosso Portugal:

aquí, do Gama ilustre os descendentes
provam, com seu estranho proceder,
que dá Deus nozes aos que teem dentes
e uma vontade enorme de comer...

*

Falou-se num duelo — que sarilho! —
entre dois conhecidos professores,
ambos circurgiões de fama e brilho,
e ambos operadores.

E logo o Pôrto inteiro, qual ginete
em rábido halali,

desatou a correr de aquí p'ra ali,
para saber se a luta era a florete,

a sabre, a canivete,
a pinça, ou bisturi.

Afinal, nada houve. Antes assim.

E' muito agreste o frio da manhã
em camisa de linho ou de cetim.

Teve a pendência um agradável fim,
visto que *tout est bien qui finit bien*.

*

Esta questão das dívidas da guerra
tem dado que fazer;

e não há paz possível sôbre a terra
enquanto o assunto se não resolver.

Os estadistas mostram caras lívidas,
a pensar nos crêdores.

E eu creio que, afinal, só descansamos
quando forem gerais estes clamores:

«Perdoai-nos, senhor, as nossas dívidas,
tal como nós perdoamos
aos nossos devedores!»...

Chateaubriand

O célebre escritor Chateaubriand,
glória da literatura francesa, é filho do
português Chateau-du-Fromage e da
espanhola Chateau-Margaux, aplaudida
zarzuela em um acto.

A família de Chateaubriand encontra-se espalhada por tôdas as regiões da França, pois não há vila ou aldeia que não tenha chateaux em abundância, chateaux grandes, chateaux pequenos, chateaux de todos os tamanhos e feitios.

Quem viaja pela república francesa apanha, quando menos se precata, com uma praga de chateaux pela frente, que tem com que se entreter durante alguns dias, a visitá-los e a apreciar as verdadeiras obras de arte com que se encontram recheados.

Mas voltemos ao nosso Chateaubriand. O famoso plumitivo viajou pela América e regressou a França precisamente no momento da revolução.

Deu às de Vila Diogo em 1792, para regressar de novo e aceitar a pasta dos negócios estrangeiros, no período da Restauração.

Depois, meteu pela Restauração abaixo até Miragaia, indo visitar as geradoras da Companhia Carris e pedir um bilhete anual de graça ao Severino.

O nosso biografado escreveu várias obras: *O Génio do Cristianismo*, *O último dos abencerragens* e outras mais, entre elas, *O itinerário de Paris a Jerusalém*, com prefácio do poeta Sevilha.

A-pesar-do valor das suas produções, não foram elas que lhe deram a celebridade, mas sim uns suculentos bifes de sua invenção que passaram à posteridade, depois de terem passado pelo estômago.

Não ia agora um bifinho à Chateaubriand?

Uma glosa

De entre os amigos da MARIA RITA, que vivem em Africa, destaca-se Leão Pardo que sabe aproveitar tôdas as ocasiões para nos manifestar o seu carinho. E como é um espirito gentil, que de gentilezas nos cumula, damos publicidade à glosa abaixo, embora dum mote atrasado:

Pôncio foi um dos mais latos
Homens de ciência do mundo.
Tratar de Higiene — a fundo —
Eu não sei, como Pilatos.
Desde a lavagem de pratos
A' das mãos, dedo por dedo,
Tinha o profundo segrêdo
Dos requintes de limpeza.
Só por isso, com certeza,
Pôde meter-se no Credo.

(Benguela, 29-10-31).

MARIARITICES

Pousa aqui... pousa ali...

Um casal de pombos

Aquela coisa dos esposos... andarem a voar à vez, entre Londres e o Cabo da Boa Esperança, está a tornar-se engraçada. Primeiro foi o homem que bateu todos os recordes. Depois foi a mulher e bateu no homem. E' claro que o homem reagiu e desafiou a mulher. A quê? Se fôsse cá em Portugal ia um borracho pela certa. Mas lá na terra dêles a coisa teve outro andamento. O homem considerando a espôsa como uma verdadeira pomba que voava mais do que êle, resolveu desafiá-la a voarem juntos. E lá vão partir os dois ao mesmo tempo para ver qual dêles chega a casa mais depressa.

Nós apostamos pela mulher, apesar-de nos parecer que o homem tem melhor aparelho. Mas a mulher é capaz de ganhar contra tôdas as expectativas. A falta de aparelhos não quer dizer grande coisa. A mulher não tem asas mas avoa...

A fome é má conselheira

Há quem pense, lendo o que nos dizem do estrangeiro, sôbre as variadas marchas dos caminheiros da fome, que isto é mau sinal, pois demonstra uma rebelião contra os poderes constituídos.

Nós discordamos em absoluto.

Caminheiros da fome sempre houve em todos os tempos. Qualquer dêses muitos *globe-troters*, que tão em moda andaram, que era, se não um caminheiro da fome? Pediam esmolas para comer; estes de agora, pedem subvenções. E para isto, veem de centenas de quilômetros em marchas forçadas, sofrendo frios ou calores. Não nos consta, porém, que qualquer regalia lhes tenha sido concedida até agora. E' por isso que nos admira que, tendo êles feito a marcha da fome, não se tenha transformado agora o seu cortejo numa marcha fúnebre bem explicável.

No extremo Oriente e Ocidente

Um raio nos parta se nós percebemos já o que quer dizer a palavra guerra. Antigamente, guerra, mas guerra mesmo, era quando dois países se não davam bem e desatavam à tapona. Se um vizinho nos pisava um palmo de terreno com as armas na mão, era a mesma coisa que nos pisasse um calo estremecido. Agora não! Agora, lá pela China, passam-se coisas mirabolantes: 30:000 mortos em combate; duzentas cidades bombardeadas e saqueadas; 15 atentados com morte de 700 generais e caminhos de ferro destruídos como se fôsse de linhas da Senhora da Hora.

Pois apesar-disto tudo, não há guerra. Aquilo é tudo por amizade.

Na Bolívia e no Paraguai também vai tudo pró Chaco. Mas não faz mal. Quantos fortes foram pelos ares? Quinhentos? Inda há mais, graças a Deus! Quantos homens morreram de parte a parte? Só 10:000? Louvado seja! Que a amizade que sempre uniu os dois povos não seja quebrada por tão pouco.

Quer dizer: andam os extremos do mundo à pancadaria? Pois andam. Mas isso que importa se a nossa Sociedade das Nações vai buscar à matemática a resolução dêstes problemas?

E a verdade é que em matemática os extremos *tocam-se*.

PERFIS DO PORTO

XXVIII

DR. PIRES DE LIMA



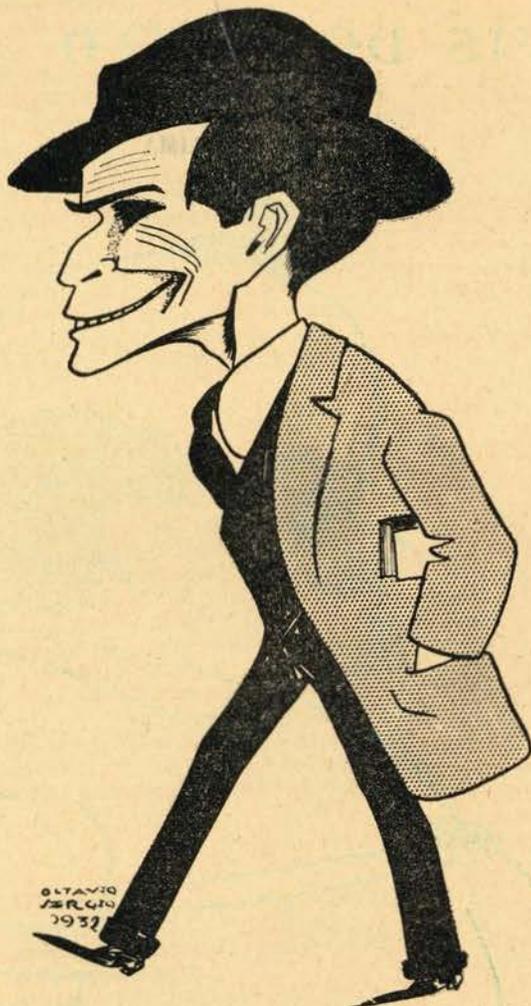
Anatomopatologista distinto, Prof. da Faculdade de Medicina, colecionador de vários abortos, alguns dos quais são já hoje seus colegas de cátedra.

Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

VI

TEIXEIRA DE PASCOAIS



O poeta incomensurável do Marão... Verbo escuro! Saúde e penumbra. Não escrevendo novelas, é um grande nobelista, que se faz como um danado para o prêmio Nobel.

No fim de tudo, nada de Nobel na frente ocidental.

Mutação instantânea

O cinema mudo

Bem razão tinha o César Ramos, quando nos dizia que o sonoro não vencia; que a sua existência estava ameaçada pelo rodar do tempo. Nessa altura ainda objectamos que o sonoro era a expressão mais animada da realidade, a sua quasi completa realização. Mas êle continuou descrente, a-pesar-de instalar um aparelho na sua sala de espectáculos.

Não sabemos se êle hoje já acreditará no que outrora achava uma utopia. Nós é que já mudamos completamente.

Realmente o cinema sonoro não vai por diante. Esta é a verdade: o Cinema Aguiá d'Oiro voltou ao mudo; e o High-Life, se ainda não é mudo de todo, já gagueja suficientemente. Alguém que percebe de cinegrafia, diz-nos que são contas a ajustar entre o passado e o presente, que na giria comercial quer dizer, o passivo e o activo; mas que era o passado: o mudo. E o presente: o sonoro. Portanto é o mudo quem faz calar o sonoro.

Lamentamos o facto por ter dado palavreado demais.

MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :

ATENÇÃO

Aos nossos colaboradores artísticos, prosadores e Poetas

A MARIA, resolveu que o seu número correspondente [ao dia 30, seja um número comemorativo do «Natal» e «Ano Bom». Terá 32 páginas e ótimas gravuras coloridas. Pedimos, portanto, a todos os amigos da MARIA RITA, o favor de mandarem a sua colaboração para êste número, com o carácter especial da comemoração, o mais rapidamente possível.

Agradecemos.

Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:

Comm' toujours
A saúdinha é óptima e perfeita?
E' que não há maleita
Que a tua rija lusa pele fure!

E, depois, com dois médicos em casa
(A's vezes é pior...), como há de a peste,
Minha pomba celeste,
Arrastar-te a escura e feia asa?

Já não te invejo a alegria sã
Nem as tripas que comes regalada,
Nem a sorte de ler pela manhã
O que eu só leio após lua passada...

— O que eu invejo é essa saúdinha,
Essa libra de rija tripeirona
Que ri, eternamente solteirona,
Bochuchuda, roliça e côradinha!

Isto vem a propósito de alguém
Que «passou» por aqui, mas de passagem»,
E, nas notas prestadas da viagem
Declarou que... passara muito bem!

Andou dias e dias no deserto...
...De cuecas à inglesa e capacete...;
Viu feras...; e a suave côr de leite
Mudou-se em tom da moda, justo e certo.

Desceu até profundidade imensa;
E se ao terceiro dia não subiu...
...Ao céu, — foi porque a tempo ainda viu
Que era mister dar impressões... à imprensa.

Estou daqui a ver quem quer que seja
Esse, que meteu lança Africa em fora,
A passear no Chiado a esta hora:
Peito bem alto p'ra que bem se veja!

— «Então, hein?! Fui à Africa, senhores!»
...E os transeúntes, respeitadamente,
Curvam a fronte oleosa e reverente
Ao novo lvens que passa entre louvores!

Depois, Sua Excelência, ainda pálido
Da comoção de atravessar a Africa,
Conta à «Garret» sua viagem cáfrica,
Num tom vivo e brilhante e estilo cáldido...

...E ao mesmo tempo engole as torradinhas,
Bebe o chá, depenica um rebuçado,
Limpa as unhas esguias com cuidado
E canivete, — e conta piadinhas.

E outra gente a esta hora e... desta banda,
Queimada pelo sol, no borborinho
Da vida Colonial anda e desanda...
Um abraço do neura,

Migue-LINHO.

DESCANSO SEMANAL

MANTA DE FARRAPOS

onde se farão comentários a tudo que o mereça

Começamos por apresentar a V. Ex.^{as} um correspondente cá do Pôrto, que escreve coisas para o jornal de Leiria «*União Nacional*», com o palavreado mais estapafúrdio que temos visto:

Do Porto

R. R. de Lisboa—O nosso ilustre colega R. R. de Lisboa responde-nos, embora sucintamente pela falta de espaço, à nossa notícia sobre os «*Hospitais da Província*» razão porque, nos confessamos muito gratos pela deferência com que nos honrou.

O problema resolve-se sem dúvida, sem ser necessário recorrer a qualquer regra da matemática, mas, não achamos viável o argumento apresentado.

Enquanto os Hospitais não receberem pelos seus cordões umbilicais, ligados á placenta da ASSISTENCIA, o alimento monetário suficiente, para o sustento intestino das suas debilitadas receitas, não vemos possível resolução para este magno assunto tão ventilado na imprensa.

Bem sabemos, que não obstante termos enchido a caixa toraxica de ar puro de balrristas, para que possamos tocar bem alto os clarins clamando justiça, nada faremos ou conseguiremos infelizmente, em prol destas casas de caridade.

Todavia, não desistiremos de resoar neste campo de batalha, o toque de alarme, embora se nos exgotem com tanto esforço, as glandulas sebáceas e sudoríperas.

O cavalheiro é com certeza um médico na disponibilidade, ou um farmacêutico em serviço permanente. O que êle precisava, por nos pregar esta injeção, era um enxêrto nas glândulas sebáceas e sudoríperas.

Agora um anúncio que vinha no *Portugal Feminino*, de Lisboa:

Chapeus e Vestidos

para Senhoras e Meninas de tôdas as qualidades, em todos os feitios e para todos os preços. Arranjos.

Transformações.

Elegância. Perfeição. Rapidez.

Economia.

BERTA BARROS

Rua Alvaro Coutinho, 17 — Lisboa

Afinal nós andávamos a julgar que as senhoras eram tôdas caras como o fogo, quando a verdade é que as há de todos os feitios, de tôdas as qualidades e para todos os preços.

No programa do dia 20 do mês passado, do Casino de Matozinhos, lia-se este bocadinho

Um programa que começamos a rir no princípio e sem parar acabamos no fim.

E digam-nos depois que Cacia não vai tomando conta disto.

Um anúncio, daquela secção do

“Diário de Notícias”

que devia ser expropriada a favor das alcoviteiras cidadinas.

B. — Rec.

Entrei nos Martires e perguntei aos Santos: Porquê tamanha demora? E eles responderam-me: Vai esperando, que mais sofreu Ela... S. B.

Não acham que é demais? Meter os Santos em coisas de namôro, é ter muitíssimo pouco respeito pela religião; mas obrigá-los a servir de polícias sina-leiros, só uma imaginação de namorado podia conceber. De tanto sofrimento demonstrado, só uma convicção nos fica: é que realmente a igreja dos Mártires é a melhor escolhida para isso. E ainda havemos de ver, andando assim, as caixas das esmoladas transformadas em Postas Restantes, e o senhor S. Pedro encarregado de vigiar as confessadas bonitas.

Outro anúncio do mesmo jornal:

Homem

PRECISA-SE novo, para distribuir leite, só com muito boas informações. Av. da República, 37-D.

Este não comentamos. Cada um que julgue o que entender. Por nós, limitamo-nos a dá-lo a conhecer aos nossos leitores, rogando-lhes o obséquio de terem cuidado com as informações ou com a análise...

Tabuleta

Na estrada da Corga, em S. Tiago de Lobão, existe uma mercearia que tem duas portas, uma virada ao-Norte

e outra ao Poente, cada uma com a sua Tabuleta cujos dizeres abaixo transcrevemos, sem alteração dum acento circunflexo:

Na porta do Poente:

MERCIARIA. E. VENDENSE.

ÇAL. MAS. A. DINHEIRO.

Na porta do Norte:

VENDESE. SÂL. A. DINHEIRO.

O PREÇO DA. PRAÇA. E.

TABACOS MERSEARIA.

Quem tiver conhecimento de coisas desta natureza, queira mandar à MARIA RITA que ficará muito grata.

AQUILO

que não podemos publicar

Dum amigo da MARIA RITA, recebemos o seguinte para publicar nesta secção:

Os .. meus nervos

*Vivo triste, desolado,
Muito neura, muito só,
De mim mesmo tendo dô...
Ao ver um fio entesado,
Nos baixos um brinco, um nó...
Yô-Yô!., Yô-Yô!.,*

*Vivendo na solidão,
Muito feliz e consolado
Fui de repente assaltado
Por moderna inovação...
O' meu Deus! Seja louvado...
...teu agrado!*

*Pois tudo que vem ao mundo,
Por ti, Deus! nos é dado...
De ti, veio o Diabo,
Um ser horrendo, imundo!?...
Pois assim nos é pintado...
...desgraçado!*

*Ai... que grande tentação!...
Os nervos... Estou fatigado!...
Vou pedir aqui ao lado,
A' vizinha Conceição
P'ra mostrar-mo enroscado...
...engraçado!...*

CHICHISBÉU.

O Pôrto é uma cidade ideal. Já por várias vezes temos afirmado esta verdade. E se fizessem esgotos e valetas à Rua do Ameal e mandassem os Pilatos da Avenida para o colégio, ainda mais diríamos a favor da nossa querida terra. Mas a par das suas belezas, também tem coisas que seriam bem desnecessárias. Vamos exemplificando por aí abaixo, quais são essas martirizantes coisas que nos maçam o bicho do ouvido, que como todos sabem é um bicho preguiçoso e só sabe fazer cera.

♦♦♦

A Praga do Yó-Yó

Tomou tamanho incremento nas classes baixas — e dizemos baixas, porque são só os miúdos que os usam, — que raro é o minuto em que não vemos um desses caracóis a esticar e a encolher, e meia dúzia de catraios a olhar em roda, e a apostar em como era capaz de fazer melhor e mais perfeito. Os *grooms* então pegaram com tal gana na coisinha, que se esquecem do que vão fazer só para andar atrás do espanhol que faz habilidades mirabolantes.

Só nos admira como não tem havido mais atropelamentos, andando como andam, os jogadores do yó-yó a atravessar ruas e calçadas com êle ora estendido ora encolhido.

♦♦♦

Os Peditórios

Outra praga da nossa terra. Entra-se num campo de *foot-ball*, e há lá sempre uma legião de meninas, com a saquinha aberta a pedir por tódas as almas. Vai-se a uma igreja, e à porta, ou no passeio, há outra meia dúzia da mesma espécie e com a mesma vontade. Ou então é um marmanjo que em troca duma *santinha*, deseja embolsar 10 tostões para uma pinga.

Está-se num aglomerado qualquer, e sempre aparece a mesma pedinchice, rotulada ou não, mas sempre rastejante e sorna.

E já não falamos numa ou noutra festa simpática, de tuberculosos, de

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre :: :: :: :: em aumento :: :: :: ::

AS SETE PRAGAS DO PORTO

O Yó-Yó. Os peditórios para qualquer coisa. Os alto-falantes. Os vendedores de tabacos e lumes correlativos. As mulheres estrangeiras que vendem cutelarias nos cafés. Os telefones e a Electro-Lux.

cancerosos, de crianças, de bombeiros, de asilos ou de cruces vermelhas.

Para estas veio um travãozinho governamental com que concordamos.

♦♦♦

Os alto-falantes

São às centenas!

E é por isto que, segundo as estatísticas, a Rua de 31 de Janeiro, tem dado um grande contingente para o Conde Ferreira.

Há anos, quando apareceu o Navarofone, a coisa teve geitos de novidade e agradou. Mas agora é demais. Nós já conhecemos o *burrié*. Nós até já aborrecemos o *burrié*!...

Quem sobe a rua dos alto-falantes, e das Africanas, chega lá acima preto de todo e mais de meio maluco. A gente tem a impressão medonha de que em tódas as janelas há gargantas que vomitam em dó mais do que maior, e de tódas as portas saem pretos... de *jazz-band*. E' simplesmente medonho.

O fado da Maria Alice já tem notas da *Parada do Amor*, e a *Carta de 9 de Abril*, do Menano, lembranos a rua de 20 do mesmo mês, tal a vontade de dar cabo das bôcas vomitantes.

E depois, lembrem-se senhores, há senhoras que embirram com o *Cochicho*!...

♦♦♦

Os vendedores de tabacos e fósforos correlativos

Outra praga, e não é das menores.

— Compre, meu senhor, que é para me ajudar a viver!...

E nós que temos coração, chegamos a casa, às vezes, com uma dúzia de caixas de fósforos, e uma tabacaria em cada bôlso.

Há menino que depois de estar duas horas num café, fica com o quiosque recheado para muito tempo.

Mas se o cavalheiro que é perseguido pelos pequenos vendedores, não tem o vício de fumar, a coisa então é trágica; é que, precisamente no momento em que êle ia despedir o rapazito, êle diz-lhe:

— O senhor, é dos *Bons*?...

E êle não tem outro remédio se-

não fazer que o é, e dar-lhe alguma coisa...

♦♦♦

As mulheres que levam de tudo na malinha...

...entram nos cafés, e pespegam sôbre a nossa mesa com a mala, aberta de par em par. São outra praga.

São quasi tódas estrangeiras, e teem quasi tódas dentes de ouro. Trazem de tudo na maleta.

E quasi, sem falar, fazem passar pelos nossos olhos, lâminas para a barba, pincéis de rabo de leão, isquei-

ros, botões, o diabo. E quando nós já muito aborrecidos, tentamos desfazer-nos delas e agarramos nos botões com um gesto brusco, elas veem imediatamente:

— São quarrenta escudos...

Quando afinal a coisa se arranja por três mil e quinhentos. E' verdade, também já vendem Yós-Yós.

♦♦♦

Os telefones e a Electro-Lux

Esta praga mete história.

Quem estas linhas escreve, é casado e tem dois filhos e sete oitavos. Também tem telefone em casa e trabalha em mais três casas onde há êsse antipático quadrúpede. Além disso, costuma ser pontual nos seus afazeres e anda por linhas rectas que são, como êsses bichos, a mais curta distância entre dois pontos, como diz o Caldevilla.

Ora, outro dia, quando cheguei a casa encontrei a mulher com a pedra no sapato. Mal entrei, disse-me:

— Telefonou para aí uma senhora a perguntar por ti. E mais não disse nessa noite porque a pedra do sapato subiu para a bexiga.

Fiquei a cogitar no caso. No dia seguinte fui trabalhar. E em tódas as casas onde estive no desempenho das minhas funções, sempre a mesma notícia:

— Telefonou para aí, há pouco, uma senhora a perguntar por si...

Três dias durou esta perseguição tenaz, impertinente, e eu comeci a inquietar-me. Afinal a minha mulher tinha razão: havia uma mulher que

mê seguia os passos por tôda a parte que sabia o meu modo de viver e que queria à viva força falar-me. Até que ontem, meus senhores, foi ontem! — Dia em que eu já não saía de casa para não ouvir a notícia da chamada, retinieui a campainha do telefone, num infernal toque que já me fazia calafrios e suores frios, e fui eu mesmo que corri ao aparelho para evitar que minha mulher pusesse em prática o seu anunciado gesto de divórcio, se alguma senhora tornasse a querer falar-me.

— Está lá — Está lá?...

Estava e era ela, e eu ia desvendar o célebre mistério. Fechei a porta para que ninguém ouvisse a nossa conversação, e ouvi isto:

— E' o senhor Fulano?... E' que eu, sou empregada da Electro-Lux, e desejava pedir-lhe o favor de consentir que o nosso empregado vá a sua casa fazer uma demonstração dos nossos aspiradores.

Respirei, meus senhores, mandei cortar o telefone e reatei as conversas com a minha patroa...

♦♦♦

A praga dos seguros

Isso então é um nunca acabar. O Caldevilla, o Bastos Monteiro, o Borges... Dir-se-ia que teem todos mêdo que nós caíamos...

— Segure-se V. Ex.^a na nossa companhia...

E como se trate de seguros, seguramos pela gola do casaco, empurraram-nos para a mesa de um café, rapam da pena permanente e dos impressos e obrigam-nos a assinar.

E' um pavor, um autêntico pavor!

Os seguros contra desastres! Mas desastre, formidável desastre, é encontrar um de êsses agentes de seguros!

Todos bem falantes, polidos, delicadíssimos.

Leitor amigo: O *seguro morreu de velho*! Se vires ao longe um agente de seguros aperta o casaco e mesmo com êle apertado não caías na asneira de parar.

Os sorrisos dos agentes de seguros abrirem-te-ão a carteira de par em par, como gazuas de primeira ordem.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta forma, terá graça de graça ::

FRIZO DOS MAÇADORES



O vendedor de palitos, o cauteleiro, o menino que mostra a petição do Chefe de família, a menina alemã, o que pede por pedir e o garoto dos jornais.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No nosso último número foi premiada a anedota n.º 15.

N.º 22

A ecnómica dona de casa para a criada:
— Quantas vezes lhe digo, Maria, que não faça comida demais. E' preciso poupar, mulher! Olhe para esta enorme terrina de tripas!...

— As que sobram não se estragam, minha senhora; comem-se amanhã.

— Você bem sabe que gosto da comida variada.

— Eu sei que a senhora gosta da comida variada... (*Atrevida*)— Mas olhe, minha senhora, não sei que lhe faça... Tenha paciência, e amanhã, ao jantar, faça das tripas coração!

E rodou, muito senhora do seu nariz, para a cozinha.

Remetente: Scalabitanus.

N.º 23

Um sujeito apresenta-se no hospital a reclamar o cadáver de um parente que havia morrido na véspera.

— Tem algum sinal particular? — pergunta-ram-lhe.

— Tem, sim, senhor. O meu parente era gago.

Remetente: Zé Barão.

N.º 24

Um preto guloso, cujo quarto ficava junto ao lado do do amo, costumava levar para a cama, às escondidas, embrulhos com comida, para comer de noite. O patrão ouvindo certa noite mexer em papéis, perguntou:

— Moleque: o que estás fazendo?

— Estou lendo, *siô!*

— Lendo às escuras?

— E' que a letra é grande, e preto apalpa com as unhas!

Remetente: M. de Oliveira.

N.º 25

Voltaire, passeando com um dos seus amigos, encontrou-se no caminho com o «Sagrado Viático» e tirou o chapéu.

Perguntou-lhe o amigo se já estava reconciliado com Deus.

Nós saídamos-nos, respondeu o filósofo, mas não falamos.

Remetente: Guerra Anjos.

N.º 26

O suicida

Uma noite serena à beira-mar,
Ao pálido luar que tanto encerra,
Andava, descuidoso, a meditar
Um antigo escritor da nossa terra...

E nisto vê-se um vulto negrejar
Mesmo à beira das águas... Já se aterra
O piedoso escritor, e se lhe aterra
Que a um desgraçado faz mister salvar...

E corre, e ao atingi-lo, docemente,
Põe-lhe a mão sobre o ombro e diz: Descrente!
Suicídio é cobardia, caminheiro!

Coragem é viver... — Quem o não diz?
Mas, lita-me e confessa: E's infeliz?
— Não, senhor — diz o outro — Sou barbeiro!...

Remetente: Filósofo.

N.º 27

Certo camponês dirige-se à estação do caminho de ferro do Bombarral e pede ao bilheteiro:

— Dá-me um bilhete...

— Um bilhete para onde?!

— Um bilhete, já disse!...

— Mas, ó senhor, diga para onde quere o bilhete.

— Olhe! O que você queria saber é que eu ia a Lisboa ao homem da cortiça.

Remetente: Pouca Sorte.

N.º 28

Entre dois amigos:

— Tu sabes porque se matou o Tojal?

— Sei coitado! Foi a neurastenia... aborre-
cia-se imenso...

— Singular maneira de se distrair, não há dúvida.

Remetente: Marco Lino.

N.º 29

— Quem descobriu o Brasil? — perguntou o professor ao aluno mais cábula.

— Não fui eu Sr. Professor, não fui eu, não me bata que não fui eu!... — responde o aluno, chorando.

O professor riu-se e mandou-o sentar.

Pouco tempo depois encontrando o pai, como ele se quisesse informar do comportamento do filho, o professor contou-lhe o que tinha sucedido e ele respondeu:

— O' Sr. Professor chegue-lhe, chegue-lhe que ele é tão maroto que é capaz de ter feito isso... e muito mais!...

E quando chegou a casa, contou à mulher, que afluente começou a ralhár com ele, que não devia ter dito nada, porque o filho naturalmente, não tinha feito aquilo!...

Remetente: Periscas.

N.º 30

— Venho agora mesmo da Exposição. Os seus quadros são magníficos. Não era possível ver senão os seus.

— Lisonjeiro!...

— E' verdade. Estava tôda a gente diante dos outros.

Remetente: António R. G. de Faria.

N.º 31

— Tu António, no desafio de Domingo, que foi que achaste mais interessante?

— Eu achei... uma nota de cem escudos.

Remetente: Amarantino.

N.º 32

O capitão para os soldados — Qual de vocês sabe tocar piano?

E uma voz responde — Eu, meu capitão.

O capitão — Que espécie de música tocas?

O soldado — Clássica, meu capitão.

O capitão — Muito bem, então vai lá a cima ajudar a mudar o piano do senhor general.

Remetente: Laimes.

N.º 33

Quando da chegada ao Brasil da rainha de beleza de Portugal, entre a multidão que a aguardava e no auge do entusiasmo, alguém caiu ao

mar. Ninguém tentou salvar a vítima. Mas alguém deu um encontrão a um tripulante de bordo, onde viajava a rainha, para a água, obrigando-o assim a salvar o desgraçado. Na volta e quando a rainha o cumprimentava pelo seu gesto nobre, perguntou-lhe:

— O senhor é português?

— Eu? Eu só queria saber mas é quem foi o patife que me empurrou...

Remetente: Henrique Ferreira.

N.º 34

O F. R., estudante muito boêmio, aposta com um companheiro em como é capaz de entrar numa confeitaria, mandar partir um salame às rodelas e não o comprar ao fim.

F. R. para o empregado — Pese-me esse salame.

O empregado (depois de fazer a pesagem) — Pesa 785 grs.

F. R. — Faz favor de partir às rodelas.

O empregado (depois de executar essa operação na máquina) — Deseja mais alguma coisa?

F. R. — Tem o incômodo de pesar outra vez.

O empregado (encolhendo os ombros executando a ordem) — Pesa 785 gramas, nem podia deixar de ser!

F. R. para o amigo — Vês! Eu não te dizia que pesava a mesma coisa?

... e pôs-se a cavar.

Remetente: Palitius.

N.º 35

No fim do espectáculo.

Helena (cantora) — Foi um concerto brilhante. A minha voz enchia a sala, não é verdade?

Júlia (a amiga sincera) — Enchia, sim. E vi muita gente sair para lhe dar lugar.

Remetente: Jobel.

N.º 36

Numa escola do Brasil.

O professor para o aluno. — Minino, você mi vai dizê qui espécie di bicho é á sardinha?

— Yó, Yó não sei, sinhô prufessô.

— Minino, Yó já lhi disse, qui á sardinha era um bichinho qui vivia no azeite e qui não tinha cabeça.

Remetente: Lizé.

N.º 37

O prémio dum bom serviço

Conta-se que o Barjona e também Freitas Era um bom D. Juan de alto jaez;
Mas um rapaz, levado das maleditas,
Engraçada partida então lhe fez:

Arranja uma mundana das perfeitas,
Com ensaio de cena de entremez;
— Ando há muito de costas bem direitas
E vais fingir de séria esta vez.

Emprego foi pedir para o marido.
Entregou-se, mas éle foi servido.
Depois, agradecer foi, sem rebuço.

— Todos lucrámos, diz-lhe o bom Doutor.
— Vós, emprego; eia, jóia de valor,
E eu, também lucrei um bom defluxo.

Remetente: Tónio.



Pôrto contra Lisboa

UM POUCO DE HISTÓRIA

Esta coisa do Pôrto se bater contra Lisboa já vem do tempo de D. Afonso Henriques.

Sua mãe Dona Tareja, era uma embeicada pelo *foot-ball*. Em vista disso, conseguiu que seu filho arranjasse um onze extraordinário que, se não conseguiu bater Lisboa, pôs, pelo menos os de Santarém às portas da morte. Foi seleccionador dêsse onze de honra o sr. Salviano Valente Perfeito—perfeitinho em tudo graças a Deus,—e o João das Regras foi substituído pelo sr. Eloy da Silva.

Serviu de Egas Monís, com o célebre barão ao pescoço o redactor desportivo do *Jornal de Noticias* que no dia seguinte ao desafio foi levar o pescoço ao carrasco por ter faltado à palavra.

Desculpem esta miscelânea histórica mas isto foi assim mesmo.

Nos tempos de hoje

Ainda se dá a mesma coisa, com o acrescento da Padeira de Aljubarrota transformada no Pôrto Desportivo, que invoca o testemunho das sopeiras contra o célebre redactor.

Da mesma forma, a luta entre cidades é renhida, e leva a gente até ao terreno de jogos com as mãos prontinhas a palmear o que calhar. Mas desta vez tôdas as 'palmas foram merecidas. Até o pequenino Eloy se portou tão à altura do seu cargo, que parecia grande. MARIA RITA, no seu lugar que lhe não queriam ceder—tanta era a gente—fartou-se de gozar e de pensar desta forma mais do que vaidosa:

Desde que a MARIA RITA vê a luz da publicidade, desde que lançou a célebre frase de: E' preciso fazer das tripas campeão, nunca mais o Pôrto foi vencido.

Donde se conclue, claramente, que é a MARIA RITA, a mascote e a madrinha dos nossos desportistas.

O Jôgo

Oh! Rapazes! Aquele pontapé do Pinga foi o fim do mundo! Consta-nos que vai ser erigida na baliza uma lápide comemorativa, de tal forma ficou lá marcado o tiro, que só não entrou por um milagre.

E o Nunes, ó meninos! Aquilo não é um Nunes, é um par... de jogadores.

Se vocês vissem o pai, a chorar, quando entrou o terceiro *goal*, até se comoviam! E o Maurício, ao lado, olhava para um filhito, com uns olhos tão desportivos, que bem se via a vontade de o ver com idade para entrar nestas lides do pontapé.

Os nossos defesas, dois verdadeiros leões de porta de quinta, não deixavam passar nem um mosquito.

Os de Lisboa, bem se esforçavam por romper o muro; mas a única coisa que conseguiram foi deitar o Parede abaixo. No seu campo, os homens pareciam peças de xadrez, porque mudavam de lugares com mais frequência do que de camisa. Houve jogador lisboeta que não teve tempo de dar um único pontapé tão de-pressa eram substituídos.

E' que o Castro e o Gil, eram de ferro. O Castro deixou o parafuso em casa, e o Gil quis demonstrar que servia para aquelas coisas. O Alvarito, não teve a cotação costumada: coisas da Bôlsa!...

A MARIA RITA não se esquece de abraçar o Carlitos que está subindo de pôsto. Parece que nunca mais abandonou a pistola, ou o mêdo teve mêdo dêle. E o velho Waldemar, é um galo nestas coisas. Já sabe a música de cor e saltado, e parece que tem goma arábica nos pés; ou a bola então é muito amiga dêle, porque nunca o larga. O Carneirito foi mal servido, dizem os jornais, e nós acreditamos.

Mas a MARIA RITA estava zangada com um homem do Pôrto. Aquilo não se faz, ó Sciska!... Aquele primeiro furo foi duma infelicidade pasmosa. Depois não. Depois era natural porque elas doem. Mas a primeira—ai Jesus! —E é por sabermos do seu desgosto que vamos fazer as pazes. Venha de lá um abraço, ó Sciska, e deixa falar os outros...

A assistência

Não esteve como nós gostamos. Não teve o calor necessário. Alguém nos segredou, porém, que foram as lágrimas do Nunes, pai, que vieram humedecer um pouco.

Zé das BOTAS.



O Fascismo visto por um político

Benito Mussolini pretendia chamar às fileiras do fascismo uma das mais esperançosas inteligências que acompanhava Geoliti na sua ideologia política, e, nesse intuito, fazia-lhe realçar os benefícios que para a Itália tinha trazido o partido fascista.

O político constitucional não se convencia da superioridade do fascismo sobre os seus ideais. Mussolini não desanimava, e em conferências sucessivas ia mostrando ao jovem político as obras grandiosas realizadas por êle: navios de guerra, estradas de turismo em cimento, sindicalização de indústrias, etc. A tudo se mostrava incrédulo o político que não via naquilo tudo, mais do que sobrecarga para o tesouro italiano sem vantagens apreciáveis. Mussolini mudou de tática passando de blandícias a actos de força e começou, no seu maquiavélico plano, por mandar cortar os esgotos da casa que era propriedade e habitação do político. Não se agastou muito, êste, com as medidas do ditador e, com água e a lata do lixo, conseguia desembaraçar-se do aborrecido fardo com que Mussolini pretendia subjugar o adversário.

Um dia Mussolini, encontrando o político, perguntou-lhe se não estaria disposto ainda a abraçar o fascismo; que bem sabia a relutância de certas pessoas em declararem publicamente a sua adesão, mas, para êle, bastava apenas o sinal fascista: o braço estendido em verdadeira saudação.

Em face da negativa do político, Mussolini redobrou de energia e mandou cortar-lhe a água, ordenando que a Câmara da cidade proibisse o uso das latas para outro fim que não fosse a recolha do lixo.

Foi nessa altura que começaram as sérias aflições do político.

Volvidos quinze dias bateu à porta do palácio de Mussolini, apresentando o seu cartão. Recebido imediatamente perfilou-se diante do Duce, elevou o braço numa franca saudação fascista.

Mussolini, radiante, exclama:

—Então, já é dos nossos?

—Não, Duce. Venho simplesmente informá-lo de que a m... na minha casa já está a esta altura.

LACRAU.

Posta restante

Perjuro — Iniciamos hoje o seu concurso. Queira mandar num envelope lacrado, que só será aberto na sua presença após os quinze dias da praxe, a resposta verdadeira às perguntas sobre os três predicados que tornam a mulher ideal. E' assim que entendemos dever ser para que não seja vã a palavra honestidade. Desculpe e obrigado.

Q. O. L. — Cá estão. Não-se aproveitar algumas. Outras ficarão para o Carnaval.

Olegna — Tem razão. E vai ver como fazemos selecção a pouco e pouco. De principio é difícil: *Hay que tener en cuenta...*

Nós e a Faculdade de Engenharia

Para trás inalfabéticos!

Alarmam-se alguns amigos pessoais e intransmissíveis da Faculdade de Engenharia porque corram por aí certos boatos de que se pensa extingui-la como qualquer incêndio, e pedem-nos que não continuemos a beliscar alguns dos professores, porque, *tourt court*, — não vêm neste momento...

Ora nós devemos declarar perentoriamente que, tendo em muita consideração as pessoas que vieram até nós, não lhes reconhecemos o direito de nos fazerem calar a respeito dos ridículos de certos professores que gaguejam a falar, a ler e a escrever.

Tomar o todo pela parte, é, neste caso, como em muitos outros, um erro.

Se há dois, três, quatro professores gagos, que quem de direito os ensine a falar.

Os bons professores, os autênticos, os que sabem, não mereceram ainda nem jamais merecerão, as nossas ironias...

De resto, *um dos nossos amigos* declaro-nos que os piparotes eram tão certos, que só um estudante poderia dirigir esta secção...

Quere isso dizer, portanto, que até hoje não mentimos porque jogamos baldas certíssimas...

Por um decreto pode extinguir-se tudo, menos a MARIA RITA que não morre nem por um decreto...

Temos muita pena, mas não podemos desta vez atender aos bons pedidos dos nossos bons amigos.

Ridendo castigat mores.

Nós não somos dos que rimos sem um sentido.

E riremos até à hora da morte, porque temos mesmo de morrer a rir, ou não fôssemos MARIA RITA...

Riremos sempre.

E se a *Faculdade* fôr extinta, saudável ou não, riremos ainda mais.

Damião de Góis JÚNIOR.

Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

VII

O elefante

(*Elephas trombonis bombeiraceo*)

Lyneu

O elefante é uma fanerogâmica animal do tipo tenor absoluto Romão Gonçalves, vulgarmente conhecido pelo sobriquet de paquí-derme.

O elefas trombonis bombeiraceo foi o percursor de tôdas as corporações de bombeiros voluntários, usando mangueira que estende e encolhe, mesmo fora dos serviços de incêndio.

Este animal, ainda que, como muitos outros, seja uma excelente pessoa, tem, por força do apêndice, um ar trombudo.

O elefante não tem fêmea. Vive na selva, como Deus é servido, entre os seus semelhantes, mas eu não direi sobre este pornográfico assunto nem mais uma palavra... Estou aqui para educar e não para falar de porcarias dissolventes.

Deixemos, pois, os maus costumes da família elefantiaca, já que bem nos bastam os da família portuguesa.

O elefante é a árvore de onde se extraem os dentes de marfim, fruta que tem enriquecido muito branco à custa da vida de muitos pretos.

Vários zoólogos teem afirmado que os elefantes se dão na Africa.

Isso, a mim, zoólogo de nascença por parte da minha avó, parece-me um grande disparate.

Não passa pela cabeça de uma pessoa regularmente estúpida a ideia de que o elefante se possa dar em alguma parte...

Admitamos, porém, que se pode dar.

Quem teria coragem de o aceitar?

E para quê? Para o levar para casa?

Convenhamos que, com aquele pêso, não é muito de convencer...

Enfim, como os meus alunos vêem a distância, a zoologia está cheia de gatos, o que não admira tratando-se justamente de zoologia.

Zoopirotécnico

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Náufragos.

◆◆◆

Meia bola e fôrça...

Está cada vez mais gago o Professor A. M.

Diz-se por aí à bôca cheia que desde o princípio do ano o referido

Professor só conseguiu dizer uma palavra da primeira lição:

— *Meus...*

Parece que no fim do ano dirá o resto:

— *...senhores.*

Os alunos que passarem para o segundo poderão depois saber de que parte da física vai o homem falar.

◆◆◆

A' ÚLTIMA HORA

Duelo sensacional na Faculdade de Medicina entre um professor e um que desejava muito sê-lo

"Tobias or not bias", a célebre frase latina do não menos célebre escritor inglês Shakspeare, serve à maravilha para introito... "Sê-lo ou não sê-lo, eis a questão!"

O Sr. Prof. T. B. (não confundir com Tobias) não deu o seu voto ao assistente Dr. C. M., que a-pesar-de bom nadador, se viu naufragado.

Como a discussão no Conselho da Faculdade resultasse acalorada, transpirou cá para fora que o Sr. T. B. chamara mentiroso ao assistente C. M.

— *Mentes tu! Onde estavas tu que me não viste?* — E vá de duelo.

O Sr. T. B. não se bate nem que o matem...

C. M., rapaz eficazmente atlético e desportivo, bem musculado, "canto" mais o Sr. T. B. se nega, mais se enfurece.

Por sua vez, o Sr. T. B., olhando para a hercúlea pessoa do seu "chauffeur", vai dizendo: eu só, "basto"; em todo o caso, está aqui o António para o que der e vier...

Até à hora de fecharmos o nosso jornal... "à l'ouest rien de nouveau".

Entretanto, o nosso prezado amigo Dr. Lourenço Gomes ordenou serviço permanente no Instituto de Medicina Legal, a ver em que param as modas.

E o Dr. Francisco Coimbra com o seu risinho tão especial, rapa da banza e canta:

Na mesa da alatomia
Jaz um morto falecido
P'ros doitores enlezimarem
As rezões do sucedido.

Até que enfim zurrou o "Ecos de Cacia"

Quem é?

E' a senhora mui distinta,
E escritora tão preclara,
Que cada conselho que dá
E' uma f'rida que *sara*...

Responde à mulher... ao homem...
(A todos sem excepção)
Quer êle seja gaiense
Ou até mesmo *beirão*...

(Gaia).

SEPOL.

Decifração do número anterior: *Quem é?*
Chaby Pinheiro.

Matadores: Alvarcarso, Fantasma Negro, Satiér ed Miled, Sepol, Oinotna, João da Sé, Lizé, Zé Barão, Octávia Maria, Kika, Rofeu, Venâncio da Praça, Seugirdor, Cirrado, Reirobi, Abd-el-Krim, Amarantino, Denis King, Rei Vagabundo.

"Sêcos,, e "Molhados,,

Com o voto dos «molhados»,
foi eleito o Roosevelt
lá nos Unidos-Estados.
E foi qual «sopa no mel»
p'ra os no «golo» inveterados!...

Mas no fim de tudo, lavra,
entre os contrários d'Hoover,
esta questão, feia e glabra:
— Os «sêcos» podem beber,
ou só «molhar a palavra?!...

João do MINHO.

Concurso "Perjuro"

Ora cá temos nós o célebre Mote que dá direito aos dois prémios oferecidos para êste concurso pelo grande amigo da MARIA RITA: *Perjuro*. O Mote da sua autoria, é o seguinte:

*Estive p'ra ser ladrão
Por causa do teu retrato*

e deverá ser glosado segundo a mesma forma que os nossos restantes concursos.

Além do envio da glosa, todo o concorrente tem obrigação de responder à seguinte pergunta:

Quais são os três predicados que tornam a mulher ideal?

OS PRÉMIOS

serão: para a melhor glosa: *um alfinete de gravata com um brilhante de valor*; e para a resposta que se aproxime mais daquela que já temos em nosso poder e nos foi fornecida pelo doador: *um anel com dois rubis e um brilhante*.

O prazo para a recepção das respostas e das glosas será de 15 dias a contar de hoje.

Custou mas sempre foi certo... Tanto se encheram os patuscos defensores da região do Vouga, tanta lambada comeram, que por fim se resolveram a abrir a bôca num arrôto. Este desabafo é tudo quanto há de mais natural, porque o seu director, sr. Marques Damião, fêz uma viagem triunfal a Lisboa, tendo-se fartado de jantaras e ceatas. Podemos, no entanto, garantir que o arrôto não cheira a vinho; por enquanto cheira a palha. Vamos transcrevê-lo para que V. Ex.^{as} aquilatem:

Respondendo ...

A' MARIA RITA

e aos seus .. amantes

O correio trouxe-nos um artigo referente ao proceder deslial de um papelucho que se publica no Pôrto, que dá pelo nome banal de MARIA RITA, pasquimete que, para ENTRETER os seus leitores, transcreve algumas infelizes produções aqui publicadas e em outros nossos colegas.

Decerto que a pessoa amiga nos enviou o artigo com os melhores intuitos dos ECOS DE CACIA se desafrontar dos seus inimigos... Mas nós tomamos o compromisso de não dar importância a certos FRALDIQUEIROS, sejam eles de coleira ou de estimação, condes ou mesmo ESCRITORES, — porque já dizia um velho nosso conhecido que, tendo servido um «Gramaticão», dizia:

Camarada, nada queiras com estes «sábios gramaticos!»...

— Porquê? — respondeu o intertocutor.
— Porque são uns parvos atrevidos e a sua vida torna-se por vezes miseravel, — tão miseravel que chegam á infamia de... não terem gramatica nenhuma.

Mas, enfim, são uns pobres diabos que nasceram para fazer rir, mesmo com vergonha do jornalismo honesto, e é vê-los dar «cambriôlas», fazer «piruêtas» e «escancarar» a bôca ao apresentar ao seu publico «parlemices» que não merecem uma referencia.

Paciência... porque o paiz está farto de artequins...

Cumpre-nos pedir desculpa ao nosso informador, que se assina pelo pseudónimo de PEROLA VERDE, de não publicarmos a sua produção em virtude (como já dissemos) de não querermos destacar tãs ILUSTRES criticos que só vivem do... DESCANÇO SEMANAL e de outros expedientes.

E assim sem o desejarmos, já fizemos um reclamo aos «gramaticões»...

Perceberam alguma coisa?...

Pois nós percebemos muito bem: O sr. Damião, que é padeiro nas horas vagas, e *obreiro do progresso* no restante do dia, é um verdadeiro *tipo único*. Até agora tem aquecido o seu forno como quere; mas a MARIA RITA porfiou em estragar-lhe a massa com o único intuito de que êle não continue a *envenenar* o povo, e a ser corrido pela freguesia inteira, como há tempos aconteceu.

E por isso, sem nos conhecer nem uma *migalha*, desata a fermentar, e o seu pão, enfolipado, rebentou pela *alma do padeiro*.

Para trás, Damião!...

Olhe que o *Pérola Verde*, anda a deitar-lhe pérolas!... E Você, como é natural, não percebeu a dádiva, e o resultado foi êste: vir esmurrar os joelhos nas pedras da calçada, esvurmindo essas coisas que aí ficam em cima, tão sonoras e metálicas que nos lembram, sem querer, o esmoer dum freio.

Atente Damião!...

Veja o que nos chama: *sábios gramáticos!* Como se isto não fôsse já um êrro dos do seu jornal, dessa desgraçada fôlha caída que é a maior vergonha da terra portuguesa.

E é triste, porque o nome é lindo: *Ecos de Cacia*. E' pena ter um i a mais; se não estava certo, e era muito mais sonoro.

Adeus Damião! Fale sempre! Fale sempre!

Estar "têso"...

*'Star «têso» é não ter caroco,
E' não ter alguns tostões;
'Star «têso» é não ter aquilo
Com que se compram melões.*

*Estar «têso» é não ter vèlos,
E' não possuir um real;
E' desejar uma coisa
Que nos pode fazer mal.*

*E' ir passear co'um amigo
E dois copinhos tomar;
E' chegar no fim de contas
E não ter com que pagar...*

(Gaia).

SEPOL.

Várias Marias

MARIA

*Maria! Nome de estrondo
Da mulher que tudo logra,
Gosto tanto dêsse nome
Que Maria é minha sogra!*

MARIA DOS ANJOS

*Conheci, uma Maria
Dos Anjos, tôda carinhos,
Mas... tive que abandoná-la
Sendô ia p'ra os anjinhos...*

MARIA DO ROSÁRIO

*Nem só tu tens um Rosário
Mariázinha das ternas;
Eu também tenho um rosário
De contas, pelas tabernas...*

José ALVES.



Ainda para o mote

*Se casar a Beatriz
Lá se vai o burriê.*

que nos parece nunca mais acabar.

GLOSAS:

Se é verdade o que se diz
Se não for algum boato
Segundo disse o «Mulato»
Se casar a Beatriz
Se ela for muito feliz
Se for de carro ou a pé
Se casar com o José
Não tenho que censurar
Se é verdade ela casar
Lá se vai o burriê.

Monteiro II

Numa consulta que fiz
A uma Thebas de fama,
Respondeu o cosmorama:
Se casar a Beatriz
Com homem também petiz,
Temos raça granizê
Com pintainhos, olê!
E assim, o Sá da Bandeira
Passando a ser capoeira,
Lá se vai o burriê!

Musico.

Até eu por ser petiz,
Hei-de chorar a valer
E o teatro vai sofrer
Se casar a Beatriz
Lá nos vai aquela atriz
Chora tu também Zé Zé
Pois só vamos ao café
Deixa lá vamos jantar
Mas se ela se casar
Lá se vai o burriê.

Coração de Pedra.

Que desgraça! a sorte quis,
Guardar-me tão grande dor,
Lá se vai o meu amor,
Se casar a Beatriz.
De lágrimas um chafariz,
Sorte avara... que até
M'arrepia e põe em pé
Os cabelos do chinô,
Vai casar?... Adeus Pó-pó!
Lá se vai o burriê.

Rei Louro.

Certa vidente prediz
Suicídios, assassinatos,
Revoluções, desbaratos,
Se casar a Beatriz.
P'ra mim é um acto feliz;
Case Beatriz, por quem é!
Pois eu tenho muita fé
Que depois do casamento,
Em sinal de sentimento,
Lá se vai o burriê!

Elmano Otrebla.

Quero casar co'uma atriz
Para ver o que é bom,
Pois vai dar-me o «Mexilhão»
Se casar a Beatriz.
Ela então depois não diz
Tantas vezes o «quem é...»
Porque nascendo um «nenê»
Já lhe vai dar que fazer...
E por isso estais a ver...
Lá se vai o burriê...

(Gaia).

Sepol.

Quero ir co'o Romariz
Ver *a Viela dos Gatos*
(Linda opereta em dois actos)
Se casar a Beatriz.
Quero ver o que se diz,
Quero ver o que isso é,
O que se passa na Sé
P'ra contar a minha avó...
Com a moda do Yó-Yó
Lá se vai o burriê...

(Gaia);

Manuel L. Pereira.

Só na revista tem bis,
Esse burriê chupado,
Com o destino marcado
Se casar a Beatriz.
Aquele célebre atriz,
Que com Fiat anda a pé.
Preguntam logo quem é?
O feliz do buzaruca,
Que se lhe faz truca, truca.
Lá se vai o burriê.

Lizé.

Planta que, com a raiz,
Da terra fôr extraída:
É como um palco sem vida,
Se casar a Beatriz.
E se correr o país
Este mote, pelo pé,
A dizer lozo o que é,
Com certeza há casamento...
E ai, filhos, que pensamento:
Lá se vai o burriê.

Pierrot.

Não sou eu, mas alguém diz,
E até com certa graça,
Que dá Fiat de graça
Se casar a Beatriz.
Ess'alguém tão infeliz...
Que eu não digo quem é,
Que tem carro e anda a pé,
É que diz à boca cheia:
— Se vou ao Sá da Bandeira
Lá se vai o burriê.

R. P.

Engraçado há que diz,
Que havendo gasolina
Não precisa vaselina,
Se casar a Beatriz.
Como'stá Sr. Diniz
É um Fiat não é,
Livra já d'andar a pé.
Mas Senhora há engano...
— Não é ele alentejano!
...Lá se vai o burriê...

Rei Preto.

Tem direito toda a atriz
De constituir seu lar,
E, não será de espantar
Se casar a Beatriz...
Quem seria o noivo feliz?
Franqueza, não sei quem é,
Vou-lhe dar o lamirê
A coisa pode pegar,
Pois se não se aproveitar...
Lá se vai o burriê.

J.

Há poucos dias eu fiz
Uma aposta concludente,
Ser também um pretendente
Se casar a Beatriz.
Gosto dela como atriz,
Como mulher, tem gajê...
Vou-lhe oferecer um chalê
Mesmo ali à beira-mar.
E nós dois sós a chupar...
Lá se vai o burriê.

Jota a Jota.

Vão os pontos para os ii
Vão as suias sob as calças
Vai de camisa com alças
Se casar a Beatriz.
Fica a reclamar quem a quis
Essa bela Salomé.
Lá se vai de todo a fé...
Fica mais um enforcado
E, se não toma cuidado
Lá se vai o burriê.

(Aceiro).

Zé Maria.

Nunca mais serei feliz,
Nunca mais serei ditoso.
Vai morrer p'ra mim o gózo
Se casar a Beatriz.
Nunca mais o povo diz
Alegre: «quem é quem é»
Que tem carro e anda a pé...
Mas sim, temos de cantar:
«A Beatriz vai casar,
Lá se vai o burriê...

(S. Pedro do Sul).

Morei Ravinhas.

Foi ela mesma que quis
Qu'eu lhe visse o seu pó-pó
Armado de Yó-Yó
Se casar a Beatriz
Ela seria então me diz
Menino, então cum'ê...
E eu hei-de andar a pé...
Bem me basta o meu trabalho
Em aturar o Carvalho...
Lá se vai o burriê.

A.

Aqui no meu chafariz
Foi lavar se um passarinho
A piar devagarinho
Se casar a Beatriz
Ai que festas qu'eu lhe fiz
Nem qu'ns fizesse ao meu Zé
Tão meiguinho como é
Também queres dar-lh'um beijinho?
Mas se beijas o bichinho,
Lá se vai o burriê.

A.

Mas o qu'ê qu'eu te fiz, diz...
P'ra estares assim zangada!...
Olha qu'eu dou-te uma dentada
Se casar a Beatriz
Hei-de arranjar-lhe um petiz
Loirinho como seu Zé
Mas que ande só a pé
Que sacabou o pó-pó
E a jogar Yó-Yó...
Lá se vai o burriê.

Anagrama.

Quem é, quem é, que me diz,
que o burriê tem valor,
desde que perca o sabor,
se casar a Beatriz.
Quem adora e não maldiz
Dama faz galante — olé!
— Nisto fico finca-pé —
Comigo vai concordar:
se na verdade, casar,
lá se vai o burriê.

(Gaia).

A'vacarso.

Meu Deus. Sou tão infeliz.
Oh! Como sou desgraçado.
Nunca mais serei «chupado»
Se casar a Beatriz.
Fugirei do meu país,
Ou suicido-me até...
Não posso viver ao pé
Do homem que a levar,
Contente, d'ouvir gritar:
Lá se vai o burriê...

(S. Pedro do Sul).

Jota M Vê.

Ainda não é esta semana que damos a nota das classificações dos nossos concorrentes. A culpa não é nossa, visto que a aglomeração de glosas, com o mote da Beatriz, é grande, e nunca calculamos que elle fosse tão bem recebido, o que nos tem desvanecido.

Tenham paciência os nossos concorrentes que também esta semana não lhe demos mote novo, chamando a atenção dos mesmos para o **Concurso Perjuro**, que se estende por 15 dias e que, portanto, dá tempo de sobra a que cada um nos mande as suas glosas a tempo e horas.

Entendido, pois, que ainda não é esta semana que acaba o mote em concurso, e repete-se o que se disse a semana passada: «pedimos a todos que já enviaram glosa para este mote, o favor de o não repetirem».

Resultados do Concurso Campo do Cirne

Após 15 dias de porfiadas locubrações, resolveu o júri dar a seguinte distribuição aos prémios oferecidos pelo sr. Sebastião Ferreira Mendes, digníssimo sócio da Fábrica do Campo do Cirne e componente do citado júri.

Para o mote:

*O cotim que mais resiste
No "Campo do Cirne", é feito.*

1.º prémio à seguinte glosa:

Só tu, Mendes, descobriste
O processo assaz fecundo,
De fabricar neste mundo,
O cotim que mais resiste.
E o Lapa, que não é triste,
Diz ao ireguês: Que perfeito!
Que padrões de lindo feitio!...
Mas nada d'isto é mentira,
Porque o cotim casimira
No "Campo do Cirne", é feito.

A. Sampaio.

2.º prémio à seguinte glosa:

O cotim que mais persiste;
O que não tem paridade
E que dura a eternidade;
O cotim que mais resiste.
Que não rasga, que subsiste;
O cotim forte, perfeito,
Fabricado sem defeito;
O cotim que, sem rival,
Mais se impõe em Portugal,
—No "Campo do Cirne" é feito.

Adriano X. Nel.

Para o mote:

*Só veste bem quem se cobre
De cotins "Campo do Cirne."*

1.º prémio à seguinte glosa:

Seja rico, seja pobre,
(pois quando o tempo arrefece
nunca a moda prevalece)
só veste bem quem se cobre.
De lá churra? sêda nobre?
Casemira de Kashirne?
Tapetes de Alepo ou Smirne?
Engano! Só anda quente
quem se vestir, sábiamente,
de cotins "Campo do Cirne."

Kammon.

2.º prémio à seguinte glosa:

É' hom cotim! — Corte e dobre
Este é do Sebastião? —
Vejam lá o que me dão
Só veste bem quem se cobre
Do humilde até ao nobre.
Mas rima que se concirne?
Bem pouca a gente a discirne
Porém vós, se gósto tendes
Surti-vos, mas só no Mendes
De cotins "Campo do Cirne."

Horrirel.

E os prémios ficam à disposição dos escolhidos na nossa administração.

PEÇAS E

de J. de ARTIMANHA



A primeira de "A Viela dos Gatos"

Peça em dois actos, quatro quadros e uma camioneta, original dos dois irmãos siameses
ARNALDO LEITE e CARVALHO BARBOSA, com música de Bernardo Ferreira

No sábado passado foi noite de gala no ex-velho Carlos Alberto. Ex-velho, sim, porque sendo um dos mais antigos teatros do Pôrto, está agora também um dos mais bonitos, incluindo cinemas e tudo. Do pessoal da nossa redacção destacamos dois directores para o palco e um para a plateia. E' este quem vai contar a V. Ex.^{as} o que viu e ouviu:

A Peça

A sôra Aninhas das Iscas, que vivia mesmo na esquina da Rua de S. Sebastião, ali na Sé, era casada com o sôr Bernardo Reformado, e fazia parte do grupo excursionista dos "Estreitos da Sé". Tinha um filho que se chamava Justino e dava tiros em tudo: nos amigos, no trabalho e também meteu uma bala na Mariazinha, que se não fôsse êsse furo tinha uma brilhante *Carreira*.

Ora bem: quando levantou o pano andava o Justino fora de casa há uns dias e o Soares Correia, que era o carteiro do Bairro, não trazia carta dêle nem à mão de Deus Padre.

Por causa disto o fotógrafo Gentil da Viela dos Gatos, pediu ao Bernardo que cortasse a pêra, o que ia dando sarilho porque o maestro que também era Bernardo na primeira noite, esteve para saltar ao palco, julgando que o caso era com êle. Mas não era; e o Soares Correia, habituado a andar de mala, disse à Aninhas que também era capaz de amá-la. Mas ela, que era honesta, bem n'ô via e à mala, mas não lhe ligava meia.

Foi então que indo às painelas à Cordoaria, soube, por um bombeiro condecorado, que o seu filho já a tinha feito avó há muito tempo, e que o chinês que a Mariazinha trazia atrelado, era só para disfarçar.

Grande sarilho de painelas e o Miranda ficou gago.

Mas a Aninhas é que já sentia a criança dentro de si. Era avó, e por causa disso foi para Ermezindo enquanto o seu homem ia para a Batalha, mostrar o Soldado Desconhecido à senhora Miquelina.

Quem se não importava nada com

estas coisas era o Justino, que tinha tomado lugar na cadeia, e não tratava de ouvir as Janeiras do Soares Correia e da Zulmira Miranda. A-pesar-de tôdas estas peripécias, o Bernardo não cortava a pêra e a Mariazinha continuava a gostar do Justino que, depois de sair da cadeia foi mandado para França pela mãe, que lhe deu uma carta de recomendação para a fábrica de onde tinha vindo em pequenino.

Noite de Natal. Tudo chora pelo Justino que anda longe, menos o aparelho dos arrotos que toca a Portuguesa. E quando deu entrada no palco o bacalhau, também entrou o Justino. E' que o bacalhau era com *todos*... até com êle.

Alegria, felicidade e muitas representações.

A Música

Muito nossa. Tôda da nossa terra. De entre o masso de notas de que se compõe esta partitura, algumas já nos passaram pelas mãos; mas se assim não fôsse, não seria a música que a peça requeria. Agradável. Bonita.

O' Bernardo Ferreira, corta a pêra e lavra meia dúzia de tentos.

O Desempenho

Melhor só de encomenda; mas a Aninhas foi primorosa. Brites de Almeida, Filipa de Vilhena e Cremilda de Oliveira, três tipos num tipo apenas: a mulher portuguesa. Bravo.

A assistência

Como sempre: Fiel à sua terra, gostou dos seus tipos e riu dos seus defeitos. Nos finais de acto pôs as palmas da mão num bôlo.

J. de ARTIMANHA.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos Mexilhão.

Carlos Alberto: A peça de costumes tripeiros *A Viela dos Gatos*.

Rivolt: O fono-filme, *A mulher de quem se fala*.

Olympia: A fono-opereta *Casamento de amor*.

Trindade: O fono-filme *Os Seis Mistérios*.

Batalha: Os filmes, *Boémios* e *Uma aventura no mar*.

Ensinamentos práticos

Contra as insónias

As insónias representam um dos maiores flagelos da humanidade. Parece que ainda é pior do que estar a cair de sono e não poder dormir.

Quem haverá por aí que não tenha passado uma noite inteira a rebolar na cama, sem conseguir pregar o ôlho? E então quando se está só, sem se ter com quem conversar? (Pelo menos uma velhota dos seus... vinte-e-cinco anos!).

Pois bem, acabaram as insónias.

Um fulano que sofra dessa peste, faz o seguinte: Antes de se deitar... não se deita. Vai ao teatro, depois ceia, bebe-lhe uns bons copitos; depois vai ao Clube, prega-lhe com outros copázios, e, entretanto, é manhã. Lava a tromba, toma o primeiro almôço, e vai para

o emprêgo... se o tiver. Faz isso durante três dias de vinte-e-quatro horas. Ao quarto dia, com certeza que dorme. Mas se ainda o não conseguir, agarra numa pistola, que deve ter ao pé, ou à mão, ou ao pé da mão, e afunja um tiro num ouvido. Arranja uma soneca formidável, de que só acorda no outro mundo, que fica muito longe, como sabem...

BISNAU.

Epitáfio

Aqui jaz o Zé Maneta
Que foi grande folião,
Bom artista em corneta
E um mestre em pisão.

REIROBI.

Damos hoje mais uma vez o plano do concurso

JOGO DO QUINO

acrescentando as seguintes bases: ao concorrente que começar na segunda semana, será atribuído um **duque**, o que, neste jogo, corresponde a dois pontos certos. E ao que começar na terceira, um **terno**, ou três pontos certos. Ao que começar na quarta será atribuída uma **quadra**, ou quatro pontos.

Todos eles, porém, terão de remeter os esquemas de todas as semanas. Desta forma toda a gente poderá concorrer, com todas as probabilidades de alcançar um prémio.

A MARIA RITA publicará a fotografia de um cartão vulgar, dos que se empregam no **JOGO DO QUINO**.

Como em todos os cartões desse jogo, haverá neste nosso, 15 números, que será necessário preencher no prazo de 5 semanas.

Semanalmente serão tiradas pela MARIA RITA 3 bolas, correspondentes a outros tantos números dos que estão no cartão. O controle será feito como todos os outros por um envelope devidamente lacrado e exposto na Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade, do Porto.

O concorrente tem direito a marcar **semanalmente 4 (quatro)** números de seu palpite sobre o nosso cartão, que recortará, remetendo-o até à quinta-feira seguinte.

Fica portanto com 8 palpites a seu favor, visto que nas 5 semanas tem 20 palpites, contra 12 números em que deve acertar em virtude que os da última semana não será necessário adivinhá-los, pois, serão os últimos do cartão.

Os prémios serão distribuídos da seguinte maneira:

1.º prémio — Entre os concorrentes que consigam fazer uma **tumba**. (Isto é: encher completamente o cartão — 3 quinas).

2.º prémio — Entre aqueles que consigam fazer duas quinas e um terno.

3.º prémio — Entre aqueles que só alcançarem duas quinas.

4.º prémio — Entre aqueles que só alcançarem uma quina.

E SERÃO OS SEGUINTE:

2 primeiros prémios de 500\$00 esc. cada.
2 primeiros prémios do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

2 segundos prémios de 100\$90 esc. cada.
2 segundos prémios do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

2 terceiros prémios de 50\$00 esc. cada.
10 terceiros prémios do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

100 quartos prémios representados por dinheiro ou objectos oferecidos num valor nunca inferior a 10\$00 esc.

Dos objectos oferecidos podemos desde já dar a seguinte lista:

1 magnífico corte de fazenda para fato oferecido pelo grande amigo da MARIA RITA, sr. José do Sul.

1 grafonola e 6 discos, oferta gentil da casa acreditadíssima do sr. Ricardo Lemos.

6 pares de ligas para senhora, em seda, oferecidas para o nosso concurso pelo célebre Pinto Camiseiro.

1 dúzia de caixas do conhecido Pó de Arroz Belkiss, oferta do seu representante sr. A. J. de Almeida.

25 latas de conserva especial, que nos ofereceu a grande fábrica de conservas de Matozinhos A «Continental».

1 colecção de latas para despensa, esplêndido presente para uma dona de casa, que devemos à gentileza do sr. J. Vieira Coelho.

1 peça dos célebres cotins «Campo do Cirne», que o sr. Sebastião Ferreira Mendes nos mandou.

1 caixa de Porto Velho marca «Aidinha», oferecida pela casa exportadora de Manuel Augusto Baptista, L.da.

1 dúzia dos sabonetes afamados mundialmente «Flor del Campo», que o seu agente nesta cidade, sr. Carlos Teixeira Figueiroa, nos ofereceu.

1 colecção de chocolates, fabrico esmerado da grande fábrica «Celeste», do sr. Manuel C. Pais.

E a bicha seguirá porque a MARIA RITA é alguém na nossa terra.